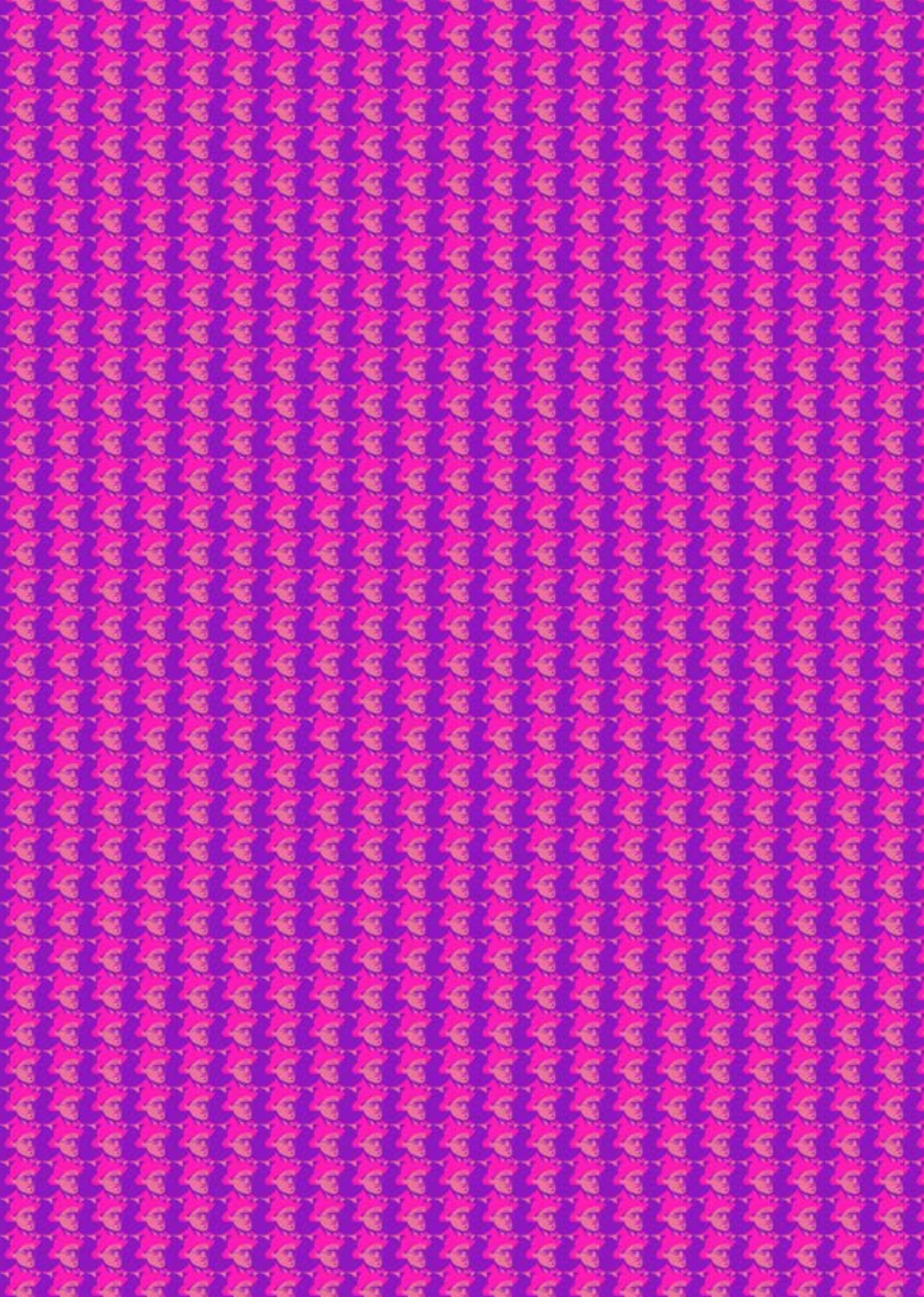


# APRESENTAÇÃO





## Apresentação

Temos muito prazer em apresentar a vocês o terceiro número especial sobre James Joyce da revista *Qorpus*. Muitos dos trabalhos desta edição são fruto de apresentações feitas durante o III Workshop in Progress do Grupo de Pesquisa Estudos Joycianos no Brasil. Sentimo-nos felizes por saber que o referido grupo, agora completando seis anos de existência, tem cumprido sua missão de congregar pessoas que pesquisam diretamente a obra joyciana ou temas que se relacionam com ela.

Esta edição conta com um ensaio, dez artigos, quatro entrevistas (uma delas em vídeo), três traduções e duas resenhas. São trabalhos de origem nacional ou internacional que dão conta da diversidade de pontos de vista existentes sobre a obra de Joyce, muitos pautando-se na intersecção de temas, da tradução à descolonização, passando pela relação de Joyce com outros importantes nomes do modernismo anglófono.

O ensaio de Fabio de Souza Andrade trata da relação entre Joyce e Samuel Beckett, dois irlandeses de duas gerações diferentes, em termos de proximidade e distância, admiração e rebeldia.

Abrimos a seção de artigos com uma aproximação entre Joyce e Samuel Beckett através do viés surrealista que se insinua em momentos de suas obras. Larissa Lagos conduz uma reflexão sobre o papel de Joyce na forma como a crise da linguagem se manifesta nos escritos de Beckett. Da implosão da linguagem beckettiana, passamos à fluidez do tempo em *Finnegans Wake* (1939). Luisa Freitas defende a abertura à incerteza na leitura do mais controverso texto de Joyce. Em seguida, Elisa Abrantes aborda outro aspecto da polêmica obra ao analisar a troca de correspondências de Joyce com Ezra Pound no período de 1925 a 1927. A autora observa o mal-estar que se estabeleceu entre os dois escritores justamente em razão do *Work in Progress* de Joyce.

Disso, passamos a uma aproximação entre a produção ensaísta de Joyce e a do autor queniano Ngũgĩ wa Thiong'o. Tarso Cruz reflete sobre perspectivas anticoloniais convergentes no pensamento dos dois autores e trata da problemática questão do papel da língua inglesa em contextos de colonização. Em seguida, Ravel Paz e Braga e Luiz Henrique Rael Braga nos conduzem por uma análise do personagem Stephen Dedalus e da estrutura narrativa de *Um retrato do artista quando jovem* (1916) a partir da teoria dos modos miméticos do canadense Northrop Frye.

Passamos, então, a um passeio por duas cidades: a Dublin de James Joyce e a Curitiba de Dalton Trevisan. Priscila Giacomassi as analisa em seu potencial simbólico de representação das ânsias dos personagens que por elas circulam. Victor Fermino da Silva,

em seguida, elege um desses personagens, Leopold Bloom, para construir uma discussão sobre uma possível pedagogia joyciana. O autor investiga o que sugere ser uma representação da própria natureza da didática através do protagonista de *Ulisses* (1922).

Por fim, chegamos à tradução e ao cinema. Pedro Luis Sala Vieira reflete sobre as traduções, para o português brasileiro, de inúmeras passagens em que William Shakespeare aparece em *Ulisses*, de forma a verificar como três diferentes tradutores lidaram com essas referências ao bardo. Sarah Késenne, por sua vez, discute a filmagem de uma sessão de leitura de *Finnegans Wake* na Fundação James Joyce de Zurique por Dora Garcia no documentário *The Joycean Society* (2013). A autora discute os possíveis significados políticos do documentário em questão.

Passando às entrevistas, Jaqueline Bohn Donada e Vitor Alevato do Amaral apresentam o resultado da longa conversa que tiveram com a cineasta e professora Sara Benvenuto, diretora de *Válvula* (2017), curta-metragem de inspiração joyciana. Já Luis Henrique Garcia Ferreira propõe interessantes perguntas a Tamar Gelashvili, tradutora de *Finnegans Wake* para o georgiano. O tradutor e professor Mario Murgia foi entrevistado por Vitor Alevato do Amaral e falou sobre sua participação no projeto de tradução colaborativa de *Dublinenses* (1914) para o espanhol, a primeira tradução mexicana dos contos de Joyce. A quarta entrevista, com o professor Sam Slote, foi gravada por Victor Fermino da Silva no Trinity College durante sua temporada em Dublin como estudante de doutorado.

Este volume traz também duas resenhas. A primeira é de Lielson Zeni, que reseñhou a adaptação de *Ulysses* feita pelo quadrinista austríaco Nicolas Mahler. A segunda coube a Graziela C Drago, que apresenta *Penélope*, de Alice Sampaio, um projeto de inspiração joyciana ambicioso que pretendia construir uma leitura feminista de Penélope em dez volumes, mas foi interrompido após o segundo.

Por fim, mas em nada menos importantes, as traduções. Luis Henrique Garcia Ferreira traduziu cartas de Joyce ao músico George Antheil, que chegou a começar a compor uma “ópera elétrica” inspirada em “Cíclope”. Por falar nele, “A Cegueira dos Ciclopes” é a tradução de um excerto desse episódio de *Ulysses* traduzido por Diego Aguiar Vieira. Guilherme Lunelli, Isabela Wapenik e Miguel Martini, três estudantes de graduação, aventuraram-se a traduzir o conto de Virginia Woolf “Mrs Dalloway in Bond Street”, situando-o em Curitiba. O resultado é o divertido “Srta. Dias na Rua XV”.

Esperamos que aproveitem.

Vitor Alevato do Amaral & Jaqueline Bohn Donada